

Kinesis, 1991, 8, 77-88.

A
Educação
Física
e
a
Questão
da
Discrimina-
ção
Racial

The
Physical
Education
and
the
racial
discrimina-
tion
issue

Maria Augusta Salim
Gonçalves

Dra. em Educação

Resumo

Neste ensaio, enfocamos a questão da discriminação racial, partindo de uma reflexão filosófica que vê o homem como unidade dialética corpóreo-espiritual que, em sua práxis material-histórica, cria o seu mundo, gerando as diferentes culturas. Rejeitamos, assim, todas as teorias que explicam a diversidade cultural através de características raciais hereditárias. Desvelando os antecedentes históricos da problemática da discriminação racial na sociedade brasileira, abordamos a questão da relação dialética entre a identidade pessoal e a identidade cultural. Vendo na Educação em geral e na Educação Física um espaço de luta contra a discriminação racial e de valorização da identidade cultural do negro, apontamos algumas possibilidades pedagógicas.

Abstract

In this essay we discuss the matter of racial discrimination, starting from a philosophical that look the man as a dialectic unit spiritual-corporal that creates his world, in his historical material praxis, generating cultures. Therefore, we reject all theories that explain the cultural diversity thru racial hereditary characteristics. We address the matter of dialectic between the personal identity and the cultural identity, revealing the historical antecedent of problematical racial discrimination in the brazilian society. Looking for a space to fight racial discrimination and the valorization of cultural identity of the negro in education in general and in physical education, we point out some pedagogical possibilities.

Introdução

A Educação Física como ato educativo significa uma ação intencional sobre o homem no sentido de modificá-lo. Concebendo o homem como uma unidade corpóreo-espiritual, pensamos que as vivências que o aluno tem na aulas de Educação Física o modificam não somente como ser corpóreo e motriz, mas abrangem todas as suas dimensões, atuando em sua formação como um ser estético, social, ético e político. Sendo assim, não podemos deixar de refletir sobre o sentido da Educação Física em relação aos grupos sociais que, na sociedade contemporânea, trazem mais agudamente as marcas da opressão, como os trabalhadores e marginalizados, as mulheres, os velhos e os grupos étnicos como os negros e os índios, entre outros. Não pretendemos abranger neste ensaio, em toda a sua complexidade, a problemática dos grupos oprimidos, mas focar especificamente a questão da discriminação racial em relação aos negros. Não se trata também de analisar essa problemática sob a perspectiva de como o professor de Educação Física deve educar o ser humano negro enquanto ser corpóreo e motriz. Pretendemos, outrossim, oferecer ao professor de Educação Física e ao educador em geral, subsídios que contribuam para uma reflexão que lhe possibilite uma compreensão crítica da problemática da discriminação racial e o incentive à adoção de um posicionamento ético-político, um posicionamento que signifique o engajamento em um movimento de transformação. A Educação Física, como fenômeno educativo, não pode ignorar a discriminação racial e, sim, aprender a lidar com ela, desvelando as suas raízes históricas, compreendendo as suas contradições e buscando superá-las em sua prática concreta.

A discriminação racial na sociedade brasileira

A discriminação do negro no Brasil se dá de diferentes formas: na exploração do negro como trabalhador assalariado, exploração da qual participa também o trabalhador não-negro; no

processo histórico de anulação de sua identidade cultural; no silêncio com que é cercada a sua participação na história brasileira, e na propagação de idéias e práticas que pretendem comprovar uma inferioridade física, intelectual e social (1).

O processo de dominação do negro somente pode ser compreendido plenamente dentro do processo mais amplo de evolução do capitalismo, com as suas múltiplas contradições, pois a opressão do negro não se dá somente em relação à etnia, mas também enquanto classe social. Com uma história marcada pela colonização e escravidão, o negro brasileiro ocupa na sociedade de consumo um lugar subalterno. Não lhe sendo dado, após a abolição do sistema escravocrata, um mínimo de condições para a sua inserção no mercado de trabalho, a situação do negro brasileiro pouco se alterou desde então. Em uma sociedade nitidamente dividida em classes sociais antagônicas, o negro é ainda visto pela classe detentora do poder do capital como mão-de-obra barata, sendo explorado e marginalizado.

O sistema de dominação, para assegurar a sua permanência, busca anular a alteridade, através da imposição de valores estranhos e de ideologias que são determinados pelos interesses dos grupos e classes dominantes. A história brasileira é marcada pela exploração, pela supressão da identidade cultural do negro e pela inculcação de ideologias racistas que são introjetadas, de certo modo, até pelos próprios negros. Essas penetram sutilmente na sensibilidade das pessoas, determinando até os ideais estéticos da aparência física, os gostos e inclinações, fazendo-as rejeitar todo o grupo étnico que não se enquadre naqueles padrões, bem como atribuindo ao negro qualidades negativas como a submissão, a indolência e a incapacidade de ter *acesso ao mundo das idéias* (2). Incorporando as ideologias da classe dominante, a *sociedade tem propagado a imagem do negro apenas como o escravo* (3), ignorando a sua história de resistência e lutas e as suas raízes culturais. Isso, certamente, como conclui Silva(4), faz com que seja visto como *preguiçoso, indolente, pouco trabalhador, indisciplinado, vagabundo, vadio, sem inteligência, despossuído de valores, de civilidade, de humanidade* (5).

A negação da existência de preconceitos raciais, propagada

ideologicamente pelas classes dominantes, mascara a sua existência, visando ao mesmo tempo anular a força dos movimentos que a ela se contraponham. Esses movimentos, no entanto, se fazem presentes em nossa sociedade e no mundo em geral e exigem a participação de todos aqueles que rejeitam a opressão e buscam resgatar o reconhecimento do outro como liberdade irredutível, revestido da dignidade de pessoa humana.

A Educação, que deveria se constituir no momento conscientizador do processo histórico e de superação das suas contradições, em grande parte reproduz os valores do sistema de dominação. A Escola brasileira, de diferentes formas, assume a discriminação contra os negros, ao ministrar uma cultura globalizante que ignora a história do negro e a sua participação na construção da civilização brasileira. Essa discriminação manifestase também *no material didático-pedagógico utilizado, nas informações transmitidas, no silêncio dos educadores diante de ações discriminatórias* (6).

O ser negro

O que é ser negro? Ser negro é sobretudo ser homem. Rejeitando uma concepção do homem dualista ou monista-materialista, pensamos o homem como unidade dialética corpóreo-espiritual, como práxis, que age em seu mundo transformando-o, ao mesmo tempo que transforma a si mesmo em um constante devir (7).

Com Merleau-Ponty (8), pensamos o homem como uma totalidade dialética, que encerra em si dialéticas parciais: da *ordem física* - que envolve as relações com as forças físicas com as quais ele interage; da *ordem vital* - que diz respeito às reações de adaptação de um organismo vivo ao seu meio; - e as integra à *ordem humana* da consciência, ou *ordem simbólica*, com a qual se identifica inteiramente o homem. Como corporalidade, o homem participa da dimensão física e vital, mas não como os demais seres dessas ordens, pois seu corpo é permeado pela subjetividade que o anima e faz desse corpo um corpo humano.

No nível de significação que constitui a *ordem humana*, o homem não age simplesmente em resposta às exigências do meio, mas em sua práxis transforma esse meio, ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo. A capacidade simbólica lhe permite ultrapassar as condições reais e criar o novo, comunicar-se através da linguagem, construindo o seu mundo, através do trabalho e da arte. A cultura autêntica é esse *processo vivo de permanente criação* (9), no qual os homens juntos participam ativamente na elaboração de um mundo comum, de forma consciente e autonôma, segundo valores por eles historicamente construídos.

Ver o especificamente humano na *ordem do espírito*, na capacidade simbólica de atribuir sentido ao mundo e constantemente recriá-lo, é abrir o espaço comum, onde todas as culturas encontram a sua raiz. Essa concepção do homem como práxis, não exclui a história, mas vê no processo dialético da relação homem-mundo, o solo de onde emergem as diferentes culturas; as diferentes formas de significar o mundo, de pensar e sentir, de atribuir valores e criar tradições. A transformação do homem e do mundo radica nas condições concretas da existência na qual se processa a história. Essas condições concretas dizem respeito à apropriação da natureza pelo homem, para a satisfação de suas necessidades materiais e espirituais, envolvendo condições geográficas, climáticas e sociológicas. Assim, rejeitamos todas as teorias que explicam a diversidade de culturas por características raciais hereditárias, negando, com Bernd, que a originalidade cultural se deva à *constituição anatômica ou psicológica dos negros, amarelos ou brancos* (10).

Embora imanente à relação homem-mundo, a construção de uma cultura implica em uma possibilidade de transcendência, em uma abertura do homem ao ser das coisas que a ele se manifesta com suas articulações inteligíveis, pois sem o reconhecimento da densidade ontológica do outro, a ação transformadora seria impossível; implica também em um ato de liberdade, que faz surgir o novo. A construção histórica de um mundo humano tem em seu bojo um *a priori*, a partir do qual todas as culturas encontram o seu valor absoluto: o *a priori* da afirmação do homem como unidade dialética corpóreo-espiritual

(11). Essa afirmação se encontra no cerne da concepção do homem como práxis.

As diferentes condições materiais concretas nas quais se processa a história geram as diferentes culturas, como já afirmamos. Desse modo, compreender uma determinada cultura somente tem sentido a partir de sua própria interioridade, dos valores, crenças, formas de sentir e pensar que se sedimentaram ao longo do processo histórico de produção da vida material e espiritual. Assim, nenhuma cultura pode ser avaliada de um ponto de vista exterior, mas a partir de seus próprios parâmetros, e sob o fundamento da dignidade irredutível do espírito humano. A afirmação da unidade do espírito não exclui a alteridade, mas, sim, fundamenta o reconhecimento do outro na sua forma própria de ser e estruturar o seu mundo. Nessa perspectiva, não há cultura superior ou inferior - as diferentes culturas são apenas formas diferentes de construir o mundo.

A identidade pessoal e a identidade cultural

A criança ao nascer já está inserida em um determinado grupo cultural e participando de uma determinada época histórica. A partir das experiências iniciais que se dão na interação com o grupo familiar, o indivíduo vai ampliando o campo de suas experiências, transformando e reestruturando as experiências anteriores. Participando de diferentes mundos (o mundo da escola, o mundo do trabalho, o mundo do lazer, etc.), o homem vai construindo a sua personalidade, formando a sua identidade pessoal. Os costumes, idéias, formas de pensar e sentir, crenças e valores dos grupos sociais, construídos e reconstruídos ao longo de um processo histórico em constante devir, são o solo a partir do qual as experiências singulares se estruturam. O ser humano singular constrói assim a sua identidade, isto é, as dimensões de uma vida pessoal, que é única, ao mesmo tempo que é com-os-outros, pois a sua existência concreta singular se dá na mediação de um mundo compartilhado com os outros homens. Assim, a identidade pessoal não se dá separada da identidade cultural, mas

se constrói com ela e a partir dela, num processo dialético. O ser humano individual, concreto e singular é ao mesmo tempo ele mesmo e o seu grupo cultural. Mesmo quando nega os valores de sua própria cultura, esses são o ponto de referência a partir do qual as suas experiências são codificadas, transformadas e reformuladas, ao longo processo histórico de construção da identidade pessoal.

A educação comprometida com a criação do novo homem, livre da opressão e participante na reconstrução do mundo, não pode ignorar a relação dialética da identidade pessoal com a identidade cultural.

A discriminação racial e a inculcação de ideologias racistas desencadeia no negro o que Bernd denomina *uma verdadeira crise de identidade* (12). A recuperação dessa identidade é um dos objetivos do educador transformador e diz respeito a uma modificação na consciência do aluno, tanto do aluno negro como do não-negro. Para isso é importante uma revalorização da herança cultural negra que favoreça o processo de construção de uma imagem positiva, ao mesmo tempo que desmistifique ideologias que trazem implícita uma pretensa supremacia da raça branca. Por outro lado, é fundamental que o educador se conscientize da estreita vinculação do problema racial com a questão social e política, com os interesses dos grupos dominantes, e que a possível solução desse problema passa pela reestruturação sócio-econômica da sociedade. O movimento de reivindicação de uma identidade negra não significa somente a valorização do ser negro como etnia e cultura, mas implica também uma integração com os movimentos dos grupos oprimidos da sociedade, que anteriormente mencionamos, e que constituem também a sua identidade como brasileiro.

A supressão da identidade cultural dos grupos marginalizados pretende minimizar a sua capacidade de luta, que pode ameaçar a permanência do sistema. Assim, valorizar a identidade cultural de um povo é revitalizar o seu potencial político na reconstrução do mundo (13).

Algumas possibilidades pedagógicas

Como um agente de transformação ética e política, comprometido com a sua época histórica, o professor de Educação Física, lidando com a corporalidade e o movimento, tem amplas possibilidades pedagógicas de valorização do negro, da sua cor, da sua cultura e do seu modo peculiar de ser-no-mundo. Essas possibilidades estão ao seu alcance, dependendo do nível de compreensão e de criatividade, a sua adequada utilização. Não pretendemos aqui dizer ao professor de Educação Física como conduzir a sua prática pedagógica, mas somente apontar alguns caminhos possíveis na luta contra a discriminação racial.

Em primeiro lugar, o professor de Educação Física deve estar ciente de sua responsabilidade ética de contribuir para a luta contra o preconceito racial e a opressão. Embora tenha consciência que a sua ação não será suficiente para mudar essa realidade, deve acreditar na possibilidade de oferecer boas contribuições neste sentido. Não pode manter-se neutro em relação a essa questão, pois a neutralidade significa uma cooperação com a ideologia dominante.

Como ponto de partida, o professor tem que estar atento às manifestações racistas. Como diz Ira Schor *comentários racistas e sexistas têm que ser tomados como objetos legítimos de estudo, como partes autênticas que são da consciência dos estudantes* (14). Deve permitir que a consciência negativa aflore e se torne objeto de discussão (15). Incentivando o diálogo em suas aulas, o professor tem oportunidade de identificar as diferentes formas onde se oculta ou se manifesta claramente a discriminação racial. Através do diálogo, partindo da compreensão que os alunos têm da realidade, ele pode desmistificar as ideologias de dominação do negro como grupo étnico e classe social e conduzir o aluno a uma nova compreensão dessa problemática, a uma transformação de sua consciência, possibilitando a sua abertura a uma nova forma de ver o outro, fundada no reconhecimento de sua alteridade. Isso envolve um compromisso de desvelamento do processo histórico de formação da identidade do negro na sociedade brasileira capitalista, marcado pela escravidão e opressão e pelos movimentos

de resistência do negro, esses últimos omitidos na história oficial. As suas aulas podem tornar-se o lugar onde, parafraseando Silva, *as diferentes culturas ali presentes, sejam igualmente valorizadas, vivenciadas, questionadas, feitas e refeitas, num diálogo - favorecido pela escola - entre raças, classes, grupos, no sentido de superação das relações inumanas* (16).

Intencionalmente, o professor de Educação Física pode colocar, como conteúdo de suas aulas, danças e jogos oriundos da cultura negra, apontando para o seu potencial criativo e salientando a sua importância na construção da cultura brasileira. A descoberta com os alunos da beleza e harmonia do gesto, que se expressam nos movimentos corporais dessas danças, e o desvelamento do sentido de libertação que elas encerram, podem se constituir em um momento de valorização do negro. Preservando e transmitindo os seus valores culturais, o professor pode contribuir para resgatar a identidade cultural do negro, sempre tão descaracterizada pela cultura ocidental dominante - indo contra o que Bernardes identifica como uma das formas que a discriminação racial assume na escola, que *consiste na tentativa de construir a igualdade entre os alunos à partir de um ideal de democracia racial que desconsidera a particularidade cultural, isto é, o direito do negro se reconhecer a partir de sua diferença* (17).

Para que o professor de Educação Física possa ser realmente um agente de transformação, participante da luta contra a discriminação racial, é necessário que ele, sendo negro ou não-negro, seja capaz de desmistificar as próprias ideologias, que lhe foram inculcadas no processo de construção de sua identidade pessoal, pois educar é sobretudo uma questão de ser.

Referências Bibliográficas

- Gonçalves, M. A. S. (1990). *A questão dos pressupostos filosóficos da Educação Física*. Tese de doutorado. FAGED/UFRGS.
- Bernd, Z. (1988) *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, p. 14.
- Silva, P. B. G. *Histórias de operários negros*. Porto Alegre: Editora FAGED/UFRGS.

Ibid
Ibid. p.5

- Silva, P. B. G. (1985) *Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais de Limoeiro*, Tese de doutorado, FAGED/UFRGS, 1987, p.81. Essas afirmativas, a autora remete a Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, que realizou a sua dissertação de mestrado sobre a discriminação racial na escola pública, intitulada O silêncio, um ritual pedagógico a favor da discriminação racial (UFMG).
- Gonçalves, op. cit.
- Merleau-Ponty, M. (1975) *Estrutura do comportamento*. Belo Horizonte, Interlivros.
- Fiori, E. M. *Conscientização e educação*. *EDUCAÇÃO E REALIDADE*. Porto Alegre. 11(1):3-10. jan. jun.
- Bernd, op.cit. p. 13.
- As culturas, por mais numerosas, complexas e multiformes que sejam, sendo todas obra do homem, pode-se aprender através delas a natureza do espírito que af deixa a sua cicatriz. Essa citação pertence ao artigo de Roger BASTIDE, *conclusão de um debate recente: o pensamento obscuro e confuso*, e diz respeito ao seu entendimento de como Lévi-Strauss chega a definir o homem (Tempo Brasileiro, 25, Abril-junho, 1970). Escolhemos essa citação pela sua afinidade com o nosso pensamento.
- Bernd, op. cit. p.14.
- Gonçalves, op. cit.
- Freire, P. & SCHOR, I. (1986) *Medo e ousadia - O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 216.
- Ibid.
- Silva, 1987. Petronilha B.G. *Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro*. Tese de doutorado, FAGED/UFRGS, P.261.
- Bernardes, N. (1989) *Crianças oprimidas: autonomia e submissão*. Tese de doutorado, FAGED/UFRGS, P.322.

pesquisas

